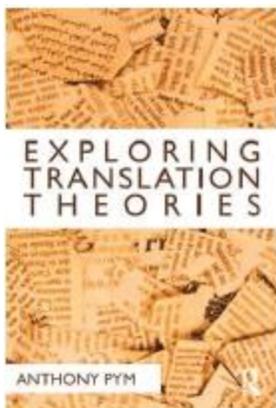


PYM, Anthony. *Exploring translation theories*. London; New York: Routledge, 2010. 186 p.

Resenhado por: Elizamari R. Becker[□]



O livro apresenta um amplo panorama das principais teorias de tradução das últimas cinco décadas, desde seus aspectos linguísticos fundadores até as abordagens culturais contemporâneas.

O australiano Anthony Pym é Professor e Diretor de programas de pós-graduação em Tradução e Estudos Interculturais da Universidade Rovira i Virgili em Tarragona, Espanha, Pesquisador Visitante no Monterey Institute of International Studies e Presidente da European Society for Translation Studies. Autor de *Negotiating the frontier. Translators and intercultural history in hispanic history* (2000); editor de *The return to ethnics* (2001) e *Beyond descriptive translation studies. Investigations in homage to Gideon Toury*

(2008).

No prefácio, o autor adverte que seu livro não tem a pretensão de substituir os textos escritos pelos próprios teóricos; antes, tem por oportuna a leitura contextualizada dos mesmos. O livro possui, assumidamente, caráter introdutório ao escopo teórico, procurando agrupar as diferentes teorias naquilo de comum que as norteia e dá vigor, afiliando-as a paradigmas. Isso porque Pym acredita em uma teoria de tradução pluralista maior, baseada no debate. A espinha dorsal do livro está, portanto, estruturada na divisão em capítulos que reúnem diversas teorias em torno de paradigmas centrais, a saber: equivalência natural, equivalência direcional, teorias funcionalistas, descrição, incerteza, localização e tradução cultural.

O capítulo 2, que trata da equivalência natural, sai em defesa da mesma contra as acusações que erroneamente a reduzem à crença de que todas as línguas são estruturadas da mesma forma e procura mostrar a força e a utilidade de suas diversas propostas de categorização e como todas as demais teorias de alguma forma dialogam com a equivalência natural, ainda quando dela discordam ou se distanciam. Contra a teoria, apresenta a inexistência da simetria postulada entre as línguas, a falta de reflexão sobre os processos cognitivos e, por conseguinte, sua limitada aplicabilidade pedagógica, bem como a impossibilidade de as novas informações introduzidas pela tradução serem remotamente “naturais” no texto de chegada e a promoção indireta do imperialismo ou de certo paroquialismo. Os principais nomes referidos são os de Nida, Catford, Vinay & Dalbernet e Vázquez Ayora.

O capítulo 3 é sobre a equivalência direcional e apresenta-a como uma teoria de muitas polaridades, que postula que o tradutor escolhe entre diferentes estratégias, que não são ditadas necessariamente pelo texto de partida, e que propõe uma relação assimétrica em que a criação de um equivalente com a aplicação de uma estratégia não garante que o mesmo equivalente venha a ser criado com a aplicação de outra. O capítulo mostra ainda as noções de tradução ilusória e anti-ilusória, do teórico tcheco Levý, e a da relevância, do alemão Gutt, baseada no conceito inferencial das implicaturas do filósofo Grice.

O capítulo 4, sobre as teorias funcionalistas, mostra como a priorização do texto de chegada agrega diversas propostas, como a teoria de *skopos* de Hans Vermeer, a de ação

[□] Doutora em Literatura Comparada, tradutora e professora adjunta vinculada ao Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva e da Comissão Editorial da Revista *Translatio*.

translatória de Holz-Mänttari, o princípio do “nível necessário de precisão” de Hönig e Kussmaul’s. Assinala como as teorias funcionalistas e as teorias da equivalência, apesar das semelhanças, estavam institucionalmente separadas na Alemanha nos anos 80 e 90.

O capítulo 5 abriga teorias que se preocupam em dizer como as traduções são e não como deveriam ser. Conceitos como “universais da tradução”, *translation shifts* (Levý, Miko, Popovič), teoria dos polissistemas (Even-Zohar) e “reescritura e patronagem” (Lefevere) estão agrupados nesse capítulo.

O capítulo 6, extremo oposto dos capítulos 2 e 3, é o das teorias das incertezas, que postulam que traduzimos apesar de não estarmos totalmente seguros sobre o que traduzimos, e que há diferentes formas de fazê-lo. Noções filosóficas de determinismo, indeterminismo e desconstrução são fertilizadoras de tais teorias, tendo importantes contribuições em Steiner, Benjamin, Quine e Derrida. A pesquisa de Rosemary Arrojo é apontada como a mais consistente na aplicação do princípio da desconstrução aos estudos de tradução. Dentre as fragilidades das teorias circunscritas em tal paradigma, Pym adverte para o risco de tais posições levarem a uma falta de rigor no ofício.

O capítulo 7 trata da localização como um paradigma de teoria de tradução inserido no contexto da internacionalização, da globalização e das relações industriais, fortemente vinculado às novas tecnologias e ao multilinguismo.

O capítulo 8, que encerra o volume, reúne as teorias sob o paradigma da tradução cultural, cujo foco principal está deslocado para os processos culturais, e a atenção para o papel mediador do tradutor é resultado de uma ótica centrada no movimento de pessoas (sujeitos) em lugar de textos (objetos). Homi Bhabha é o principal difusor da noção de tradução cultural, que Pym prefere chamar de “inter-cultura profissional”, por acreditar que está mais adequada ao mercado de trabalho e menos afastada de uma concepção um tanto metafórica de tradução.

O leitor não vai encontrar em *Exploring translation theories* uma voz autoral imparcial, o que ficará muito claro em seções específicas sobre os argumentos contra cada paradigma; pelo contrário, será também estimulado a se posicionar, a conhecer as diversas teorias de tradução, a reconhecer tanto suas virtudes quanto suas limitações. Como na teoria da administração de Michael Porter, Pym advoga que os diversos paradigmas possuem suas forças e fraquezas e que todo aquele que tiver algo a expressar a favor ou contra cada um deles já não pertence a um somente, mas a todos, e passa a poder tirar vantagem dos mesmos, movimentando-se dentre eles e selecionando ideias que auxiliem na tomada de decisão e na resolução de problemas. Nisso reside sua contribuição única frente a outras obras introdutórias da área, como *Introducing translation studies* (2001), de Jeremy Munday, e *Introducing interpreting studies* (2004), de Franz Pöchhacker, obras que se limitam a informar o leitor sobre quem fez o que e quando.

O livro possui a versatilidade de poder ser utilizado como livro-texto para sala de aula ou como material de estudo individualizado. Como não existe um compromisso rigidamente cronológico entre os paradigmas e a organização dos capítulos, estes últimos podem ser lidos e estudados separadamente. Será de especial interesse para professores, estudantes de tradução e tradutores. Possui indicações de materiais de referência para leitura, bem como a apresentação de conceitos essenciais, farta exemplificação e sugestões de atividades e projetos. O autor disponibiliza um *website* com materiais suplementares através do link <http://www.tinet.cat/~apym/publications/ETT/index.html>, contendo uma errata e materiais de vídeo.